

30 ANOS DO PROGRAMA LEADER

MINHA TERRA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE
ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO LOCAL



HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL NA 1ª. PESSOA

MÁRIO FIDALGO
ADELO



O Desenvolvimento Local e o LEADER constituem-se como os traços mais carregados da minha vivência pessoal e profissional. Nos meus 30 anos de vida ativa, 28 contam com a influência marcante dos princípios LEADER e práticas de trabalho no “desenvolvimento dos territórios”. O LEADER está igualmente associado à criação e consolidação da AD ELO - Associação de Desenvolvimento Local da Bairrada e Mondego que, numa perspetiva de proximidade, tem vindo a materializar os princípios do LEADER no seu território de intervenção ao longo dos seus 28 anos, permitindo um envolvimento e partilha de experiências e conhecimentos em benefício da comunidade onde se insere.

É importante relembrar que o Programa de Iniciativa Comunitária LEADER (LEADER), criado no início dos anos noventa do século passado no contexto das reformas da Política Agrícola Comum e dos Fundos Estruturais, assentava no reconhecimento do carácter multifuncional dos territórios rurais europeus. Tinha como objetivos principais a revitalização dos espaços rurais, através do estímulo a atividades ligadas à preservação do património histórico, cultural e ambiental, visando a promoção do turismo, o apoio à instalação de pequenas empresas que pudessem potenciar a produção local de produtos de qualidade, contribuindo para a consolidação das identidades locais. O programa LEADER distinguiu-se de forma substancial da construção programática de outros programas, porque considerava, na sua aplicação, um conjunto de princípios que, sendo ainda hoje importantes, assumiram na década de 1990 um papel inovador, impulsionador de transformações evidentes em toda a Europa, mormente nos espaços rurais mais frágeis.

A sua importância centrava-se mais na metodologia de “como fazer” do que nos meios de que dispunha, sendo assim muito mais uma “escola” de práticas que influenciou milhares de “agentes de desenvolvimento” que, nos territórios rurais europeus, desempenham um papel fundamental na definição e aplicação de políticas públicas numa perspetiva bottom-up.

Na perspetiva pessoal, o contacto com esta realidade surgiu como um desafio de mudança de vida profissional, associado à concretização de um curso: "Promotores de Formação para o Desenvolvimento", promovido pelo Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Centro (IDARC), realizado entre 1992/93. Ao envolver 20 jovens da Região Centro nos temas do desenvolvimento local, regional, este curso serviu de semente a muitos processos de constituição de ADL – Associações de Desenvolvimento Local que, ainda hoje, fortificam no território, sinal claro que o investimento nas pessoas se constitui na principal herança que deve consolidar.

Quando falamos em Desenvolvimento Local e LEADER estamos a falar principalmente em “pessoas”, quer aquelas para quem trabalhamos, muitas delas anónimas, quer aquelas que nos marcaram e influenciaram ao longo da vida pessoal e profissional. Como não é possível falar de todos aqueles que ao longo destes anos contribuíram para a afirmação desta filosofia de trabalho, sublinho duas, num destaque individual assente na sua influência e ensinamentos que me permitiram olhar para a realidade numa dimensão mais crítica, mas sempre numa perspetiva global.

O Eng.º Santos Veloso, um dos responsáveis do curso de "Promotores de Formação para o Desenvolvimento" que, no seu espírito irreverente, filosófico e um pouco utópico, nos despertava o pensamento para “ver” para além do “visível”, provocando-nos uma inquietação, que os “agentes de desenvolvimento local” mantêm sempre presente nas suas dinâmicas de trabalho. Destaco ainda a Rosário Serafim com quem tive uma relação muito estreita na procura dos caminhos a seguir, nem sempre concordando, mas sempre com um espírito crítico que nos levava a fazer permanentemente melhor, considerando que percorrer o caminho é tão importante como chegar ao destino.

Os resultados de 30 anos de LEADER não são traduzíveis num pequeno texto, pois o seu alcance está muito para além de evidências materiais que se possam identificar. 30 anos de LEADER estão presentes nos inúmeros projetos de vida que se consolidaram, em muitas soluções que ajudaram o território a encontrar o seu caminho e muito na valorização das pessoas que de forma constante e persistente mantêm vivos os territórios.

O LEADER, na sua matriz principal, tem implícito o conceito de uma “família alargada” que partilha conhecimentos, preocupações e soluções, envolvendo os seus membros (ADL/GAL) numa relação próxima, permitindo-lhes fazer parte de um todo que é muito maior que a soma simples do número dos seus membros.

A primeira consciência de integração nesta família LEADER, que já ultrapassava as fronteiras existentes, resultou da participação em 1998 num encontro em Bruxelas que reuniu 800 entidades LEADER de 15 países europeus que, no mesmo espaço, partilharam preocupações, conhecimentos e estratégias ajudando a consolidar a ideia de pertença a um “espaço europeu”. Partindo deste espaço europeu, ao longo destes 30 anos, o LEADER reforçou as ligações entre pessoas e entidades que consolidaram parcerias nos diferentes níveis - local, europeu, CPLP – traduzindo na prática um dos princípios básicos do LEADER o “trabalho em cooperação”. Este caminho coletivo de afirmação dos valores europeus é hoje um património simbólico assinalável que muito se deve ao LEADER.

Desde a sua constituição como Iniciativa Comunitária (1991) aos dias de hoje, a matriz metodológica do LEADER mantém-se presente, porventura hoje com maior justificação, dado que ao apelar à participação da sociedade civil organizada nos seus próprios processos de desenvolvimento, corresponde aos objetivos de uma “Europa mais próxima dos cidadãos”. Os GAL/ADL constituem-se hoje como uma das estruturas mais consolidadas que trabalham nos e para os territórios e que assim se aproximam das pessoas na procura das soluções que todos identificam. São estes os desafios do LEADER, numa adaptação às circunstâncias, mas também numa refundação constante das respostas, num processo dinâmico que se quer vivo e participativo por mais 30 anos.